



A LINDA HISTÓRIA DO PROFESSOR QUE DESCOBRIU UMA AVE DE 80 MILHÕES DE ANOS

Ismar de Souza Carvalho é um caçador de tesouros científicos. Aos 63 anos de idade e 36 de docência na UFRJ, o professor acumula feitos históricos nos últimos meses. Em novembro, conquistou a capa da Nature com a descoberta de uma nova espécie de pássaro, a *Navaornis hestiae*, que viveu há 80 milhões de anos. Agora, ele disputa o prêmio **Faz Diferença** com uma outra descoberta: a de que há 3.500 anos, e não há 12 mil como



Quando eu era pequeno, meu pai me deu um quadro negro em que estava escrito: ‘O estudo é a luz da vida’. Nunca esqueci aquela frase. O estudo me fez ter escolhas conscientes e muito acertadas. Uma delas, a de me tornar professor. “É uma profissão que me permite transformar a realidade”.

se pensava, grandes mamíferos, como a preguiça gigante, viveram na região em que hoje é o Brasil. Os achados mudam a forma de olhar para o passado e para as mudanças de era do planeta. “Desfizemos a noção de que tudo desapareceu ao mesmo tempo. A extinção não é uma linha reta. Essas linhas do tempo transgridem essa leitura parcial que a humanidade faz da própria natureza”, analisa o professor.



SINDICATOS DOCENTES PEDEM REVISÃO DE NORMAS PARA AUXÍLIO-TRANSPORTE

Dez sindicatos representativos de docentes de universidades federais, entre os quais a AdUFRJ, enviaram carta ao Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI), em 22 de abril, em que solicitam a abertura de diálogo sobre duas instruções normativas do ministério que regulamentam o uso do auxílio-transporte para os servidores públicos da União. As entidades sustentam que a nova regulamentação, em vigor desde março deste ano, é prejudicial aos docentes.

“A fiscalização de eventuais abusos no uso do benefício é legítima, mas deve ocorrer de forma responsável”, diz o documento, assinado pelas direções da ADUFABC, Adufal, ADUFMS, APUBH, ADUFPI, AdUFRJ, Adufra, Adur, SINDUFTPR e ADUFDourados. As instruções normativas, publicadas em fevereiro, impõem novas regras para o registro de presença nos locais de trabalho com vistas ao pagamento do auxílio-transporte, mas não levam em consideração as atividades inerentes ao trabalho dos docentes, sobretudo aqueles que atuam no regime de Dedicação Exclusiva (DE).

Para a presidenta da AdUFRJ, professora Mayra Goulart, as especificidades do trabalho docente devem ser observadas: “A legislação parece dirigida aos técnicos em Programa de Gestão e Desempenho (PGD), e não faz sentido ser estendida aos docentes. Em virtude da DE, os professores trabalham em múltiplos lugares e não tem lógica o registro da presença física. Muitas vezes esse professor sequer encontra condições de fazer seu trabalho na universidade, tendo que buscar outros espaços com estrutura para pesquisa de campo, seminários, ensaios em laboratórios. A mobilidade faz parte da atuação docente”.

O Programa de Gestão e Desempenho é



um modelo de trabalho instituído na Administração Pública Federal por meio do decreto 11.072/2022, com foco em resultados e metas a serem cumpridas pelos servidores, e não na verificação de presença.

ATUAÇÃO DOCENTE

Uma das articuladoras do documento, a professora Elisa Guaraná, presidenta da Adur, conta que desde março a questão vem sendo debatida internamente entre os segmentos da UFRRJ. “A demanda para que fizéssemos a marcação com os novos códigos, identificando presença na sede, começou em março. Tivemos que debater essa questão na comunidade, em diálogo com a reitoria, e chegamos à conclusão que não concordamos com a medida como ela está proposta por ser uma regra que fere nossa legislação”, afirma a docente.

Segundo Elisa, os novos códigos previstos nas normas do MGI foram criados a partir da preocupação com a modalidade de teletrabalho ou PGD, que não diz respeito aos docentes. “Entendemos a importância óbvia de controle sobre

o uso do recurso público para auxílio-transporte, mas há outras maneiras de fazer esse controle sem que ele represente uma ampla desconfiança, e até uma penalização, sobre o trabalho docente. Um parecer de nosso setor jurídico embasou a carta enviada ao MGI. Estamos aguardando o retorno”, diz a dirigente sindical.

Para o presidente da Adufal, professor Jailton Lira, a carta ao MGI traz um alerta importante. “O novo procedimento proposto pelo ministério, que exige o registro de presença diária para fins de concessão do auxílio-transporte, ignora a complexidade do trabalho docente, sobretudo no regime de DE. Essa nova exigência, embora supostamente voltada ao controle do trabalho remoto, desconsidera a realidade multifacetada das atividades que realizamos. A atuação docente vai muito além da presença física em sala de aula, envolve atividades presenciais e assíncronas, dentro e fora da universidade. Muitas dessas ações exigem, inclusive, deslocamentos frequentes, que são parte essencial do exercício profissional”, diz Jailton.

O professor espera que o MGI reveja as novas normas: “No caso específico dos docentes em DE, a mobilidade é ainda mais intensa. São professores que dedicam sua jornada integral à instituição, com sobreposição de funções e jornadas extenuantes, muitas vezes em locais distintos e sem apoio logístico das universidades. A tentativa de condicionar o auxílio-transporte à simples presença física registrada ignora esse contexto e pode, na prática, restringir injustamente um direito básico. A Adufal reafirma a necessidade de diálogo com o MGI e a revisão dessa proposta”.

O Jornal da AdUFRJ entrou em contato com o MGI para obter retorno em relação à carta enviada pelos sindicatos, mas não houve resposta até o fechamento desta edição. Leia abaixo a íntegra da carta.

CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufrj.org.br.

RIO DE JANEIRO



IBEU



CLUB PET



MAPLE BEAR TIJUCA



MIT CUIDADORES



ACADEMIA TIJUCA FIT



MADONA CLINIC



PSICARE



FISIOTERAPIA RJ LTDA



CRECHE AMANHECENDO



CRECHE ESCOLA RECRIAR



CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS



ROÇA URBANA ORGÂNICOS



JC LUZ CORRETORA



FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL



BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS



MACAÉ



ESCOLA ALFA



CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL



HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR



MAIS FITNESS ACADEMIA



CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA



RIO DE JANEIRO E MACAÉ



INSPIRE ENERGIA SOLAR



KALUNGA PAPELARIA



DROGARIA RAIÁ



WELLHUB

PERFIL | ISMAR DE SOUZA CARVALHO, PROFESSOR TITULAR DO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

‘O ESTUDO É A LUZ DA VIDA’

> Finalista na categoria Ciência e Saúde do Prêmio Faz Diferença, o professor titular Ismar Carvalho relembra sua trajetória pessoal e acadêmica em emocionante entrevista

SILVANA SÁ

silvana@adufrj.org.br

Uma das maiores referências em paleontologia do Brasil, o professor titular do Instituto de Geociências, Ismar de Souza Carvalho, concorre ao prêmio Faz Diferença, do jornal O Globo. Ele é um dos finalistas da categoria Ciência e Saúde. A votação esteve aberta no site do jornal até o domingo, dia 27. Ismar também é diretor da Casa da Ciência da UFRJ e conhecido por descobrir, na Chapada do Araripe, a ave fóssil mais antiga do Brasil, com cerca de 115 milhões de anos. Em novembro do ano passado, foi coautor de um artigo publicado na capa da prestigiada revista Nature com outra descoberta. O estudo descreve uma nova espécie de ave, a Navaornis hestiae, que viveu há 80 milhões de anos.

Ismar Carvalho atendeu a reportagem do Jornal da AdUFRJ diretamente da cidade de Toronto, na Bolívia, durante uma expedição para encontrar os últimos dinossauros que habitaram a Terra. “Estamos seguindo os rastros deles, tentando descobrir onde estão (seus fósseis)”, disse o empolgado cientista. “Tinha 63 anos e fazia tempo que não acampava em altitude e no frio. Passamos dias nessa região andina”, revelou o professor.

O hoje pesquisador 1A do CNPq e Cientista do Nosso Estado da Faperj nasceu em 4 de abril de 1962. Diferente de muitos cientistas de sua geração, Ismar não teve um pesquisador na família em quem pudesse se inspirar. De origem humilde, se formou em escola pública, na cidade de Resende, sua terra natal. A educação, afirma, mudou sua vida. “Era uma cidade essencialmente agrícola. Ou trabalhávamos na lavoura e no comércio ou éramos militares”, conta o professor.

Realidade que o pequeno Ismar driblava com seu apetite pelo conhecimento. “Eu aprendi a ler desde muito cedo. Com cinco anos já escrevia e fazia contas.



FOTOS: ACERVO PESSOAL

“Eu aprendi a ler desde muito cedo. Com cinco anos já escrevia e fazia contas. Para mim, os livros sempre foram janelas para o mundo. As pessoas, sabendo disso, sempre me presenteavam com livros, revistas e enciclopédias”



VESTÍGIOS Ismar está seguindo os rastros dos últimos dinossauros que habitaram a Terra. No momento, está com sua equipe na Bolívia

Para mim, os livros sempre foram janelas para o mundo”, relembra. “As pessoas, sabendo disso, sempre me presenteavam com livros, revistas e enciclopédias”.

O gosto pelo conhecimento e a preocupação com o futuro foram os grandes legados de seus pais, acredita o professor. Sua mãe, dona Zélia Nunes de Carvalho, e seu pai, Ismael Carvalho, hoje com 84 e 89 anos, tinham convicção de que a educação seria a grande herança que poderiam deixar para os filhos. “Tanto eu quanto minha irmã alcançamos os estudos universitários. Quando pequeno, meu pai me deu um quadro negro em que estava escrito: ‘O estudo é a luz da vida’. Nunca esqueci aquela frase”, emociona-se. “Ter o estudo como ponto fundamental na minha trajetória me fez ter escolhas muito acertadas. Uma delas, a de me tornar professor”, analisa o docente. “É uma profissão que me permite transformar a realidade”, orgulha-se.

AO MINISTÉRIO DA GESTÃO E DA INOVAÇÃO EM SERVIÇOS PÚBLICOS

Em Respeito à Dedicação Exclusiva – auxílio-transporte é um direito

Em 19 de fevereiro, foi publicada a Instrução Normativa nº 70/2025 que trata do auxílio-transporte. Saudamos o reconhecimento de novas modalidades de transporte. Contudo, a categoria docente foi surpreendida por comunicados enviados pelo Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI) às universidades, solicitando aos servidores que fazem uso de auxílio-transporte que registrem, como “ocorrência”, os dias que estiveram presentes no seu local de trabalho, de modo a ratificar o uso do referido benefício. Trata-se de uma mudança no padrão de registro: de “negativo” (afastamentos) para “positivo” (presença).

O novo procedimento parece ter como objetivo principal o controle do trabalho remoto e do Programa de Gestão e Desempenho (PGD), conforme se depreende dos quatro códigos criados, todos com referência a essas modalidades de trabalho. No entanto, a Instrução Normativa nº 71/2025 reconhece o direito ao auxílio-transporte nos deslocamentos entre a residência e os locais de trabalho.

No contexto do regime de De-

dicção Exclusiva, os (as) docentes desenvolvem atividades de ensino (presenciais e assíncronas), pesquisa, extensão, gestão acadêmica e representação institucional. Essas incluem ações diversas como: pesquisa de campo, reuniões de orientação, reuniões colegiadas de diversos órgãos, atividades universitárias diversas como mesas de debate, palestras, colóquios de pesquisa e seminários, visitas a laboratórios e bibliotecas. Embora o deslocamento tenha como referência o local de trabalho principal, as atividades se estendem a múltiplos espaços e, mesmo no interior das universidades, é comum o deslocamento entre campi ou dentro de um mesmo campus. Essa mobilidade é inerente à atuação docente, especialmente para os (as) que se encontram sob o regime de Dedicação Exclusiva, e garante que as universidades públicas permaneçam como os principais centros de produção científica e tecnológica, formação de profissionais de nível superior e promoção da extensão universitária.

Além disso, a multiplicidade de funções gera sobreposição de tarefas, jornadas extenuantes e deslocamentos que não são custeados pelas instituições federais de ensino, sobretudo em um cenário de restrições orçamentárias. A interiorização dos

campi foi uma conquista. É fruto de políticas públicas que ampliaram o acesso e a permanência de estudantes oriundos das camadas populares. Esse processo demanda uma atuação docente ainda mais capilarizada em todo o território nacional.

Nesse sentido, a necessidade de assegurar a correta utilização do auxílio-transporte não pode se sobrepor à legislação vigente, tampouco ignorar a complexidade das atribuições docentes. A fiscalização de eventuais abusos no uso do benefício é legítima, mas deve ocorrer de forma responsável, respeitando e valorizando a ampla maioria dos (as) docentes, para os (as) quais o deslocamento – ainda que parcialmente custeado – constitui uma condição elementar para o exercício profissional. Nesse âmbito, que se busque formas de levantamento de casos abusivos que não penalizem ou ponham em pré-julgamento toda a categoria docente. Dessa forma, solicitamos ao MGI a abertura de diálogo com as representações da categoria docente, bem como a revisão da proposta atual de verificação do uso do auxílio-transporte. Não há democracia nem acesso a políticas públicas e direitos sociais sem a valorização dos (as) servidores(as) públicos(as) federais. Esperamos avançar, coletivamente,

com diálogo e compromisso, na defesa de uma educação pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada.

22 de abril de 2025.

Direção da Associação Docente da Universidade Federal do ABC (ADUFABC)

Direção da Associação Docente da Universidade Federal de Alagoas (ADUFAL)

Direção da Associação Docente da Universidade Federal Mato Grosso do Sul (ADUFMS)

Direção da Associação Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (APUBH)

Direção da Associação Docente da Universidade Federal do Piauí (ADUFPI)

Direção da Associação Docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ADUFRJ)

Direção da Associação Docente da Universidade Federal Rural da Amazônia (ADUFRA)

Direção da Associação Docente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (ADUR)

Direção da Associação Docente da Universidade Federal Tecnológica do Paraná (SINDUFTPR)

Direção da Associação Docente da Universidade Federal da Grande Dourados (ADUFDourados)



#OrgulhoDeSerUFRJ

“POSSO DIZER QUE MEUS ALUNOS SÃO A RAZÃO DESSA INDICAÇÃO AO PRÊMIO”

O interesse pelos dinossauros nasceu ainda durante a infância. “Lembro que ganhei um livro sobre rochas e fósseis quando tinha mais ou menos oito anos de idade”, conta o docente. “O livro dizia que os fósseis poderiam estar em encostas e margens de rios, em rochas sedimentares. A região onde eu morava tinha essa formação, então sempre caminhava olhando para baixo, na esperança de encontrar algum”, lembra. “Posso dizer que meu desejo de ser um paleontólogo começou na infância, a partir dos livros e dos recortes de jornal que eu colecionava”.

Na juventude, Ismar iniciou a graduação em Geologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, mas se formou pela Universidade de Coimbra, em 1984. “Fui a Coimbra num esforço financeiro gigantesco do meu pai, da minha mãe e meu. Foram anos muito duros, mas foi um momento também muito rico pelas amizades que ficaram e pelas parcerias estabelecidas”, conta. “São relações que não se desfizeram e que hoje dão muitos frutos em parcerias de pesquisa entre UFRJ, Coimbra, Aveiro, Porto”, revela o professor, que é Pesquisador Associado no Centro de Geociências da Universidade de Coimbra.

Ainda na década de 1980, Ismar retornou ao Brasil onde cursou, na UFRJ, o mestrado e o doutorado. “Fiz concurso em 1988 e fui contratado em 1989. Desde então sou professor em dedicação exclusiva”. Hoje titular, o docente dá aulas para os cursos de graduação de Geologia e Geografia, além de lecionar na pós-graduação de Geologia, Geografia e Biologia Evolutiva. “Posso dizer que meus alunos são a razão dessa indicação ao prêmio e a quem dedico minhas pesquisas. De certa maneira, devo isso a eles. Se não tivesse tantos alunos tão estimulados, que me instigassem a pesquisar mais, não teria chegado até aqui”.

O fascínio pela paleontologia



FOTOS: ACERVO PESSOAL



ACHADOS As investigações da equipe do professor Ismar revelaram fósseis com 3.500 anos, quando o consenso científico apontava que os grandes mamíferos teriam sido extintos há cerca de 12 mil anos

não foi herdado pelos filhos Mateus e Julia. “Quando eles eram crianças eu tentei estimulá-los para a área, mas acho que estimei demais”, brinca. O filho é economista. A filha, médica. “Foram para áreas completamente diferentes. O importante

é que escolheram o caminho do conhecimento e são felizes. Fizeram o que queriam e estão realizados”, elogia.

Além do amor pela família e pelo conhecimento, Ismar Carvalho tem outra paixão: o futebol. Desde criança torce

pelo time do Resende. Já depois de adulto passou a ter um segundo time do coração, o Sousa Esporte Clube, da Paraíba.

O mascote da equipe é um dinossauro verde. “É o time oficial de todo paleontólogo”, diverte-se o docente. “Na final do campeo-

nato paraibano deste ano fomos nós, um grupo de paleontólogos, torcer pelo Sousa, que foi campeão”, comemora.

ORGULHO PARA A UFRJ

Entre os colegas de instituto, o professor é unanimidade. “Eu conheço o Ismar há muitos anos. Foi contemporâneo meu na Rural. Eu concluí o curso de Geologia lá e ele seguiu para Coimbra. Depois, nos reencontramos na UFRJ, já como professores”, lembra Edson Farias Mello, diretor do Instituto de Geociências. “Ele é um pesquisador brilhante! Alguém apaixonado que traz aos alunos conhecimentos de ponta”, elogia o docente. “Muitos trabalham porque ganham muito, outros porque têm desejo de galgar posições. Ele trabalha porque ama”, resume.

O professor Edson Mello conta que a Casa da Pedra, mantida pelo IGEO na região de Santana do Cariri, no Ceará, foi iniciativa do professor Ismar Carvalho. “É um projeto científico e, mais do que isso, é um projeto inclusivo, que resgata o orgulho da população local por sua cultura”, destaca. “Quando Ismar trouxe a ideia de deixar à mostra os cascalhos de pedra que formam a casa, trouxe junto a valorização da cultura da região”, revela. “Os moradores também utilizavam as rochas na formação de suas casas, mas as cobriam. O projeto transformou a estética das casas dos moradores. Ninguém mais queria esconder as pedras”, conta. “É um colega por quem tenho muita admiração”.

“Para mim, não há a menor dúvida de que o professor Ismar deve ser o merecedor do Prêmio Faz Diferença, em Ciência e Saúde. Ele é motivo de orgulho para o nosso CCMN”, afirma o decano do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, professor Josefino Cabral Lima. “O professor Ismar tem uma retidão de caráter formidável, possui um rigor científico de altíssimo quilate, é expoente mundial em sua área de pesquisa”, elenca o dirigente.

“Para além desse lado profissional, onde ele se destaca brilhantemente, no trato pessoal é um ser humano extremamente afável, um amigo leal e bondoso”, elogia.

#OrgulhoDeSerUFRJ

“A PESQUISA NOS AJUDA A ENTENDER MELHOR COMO SERÁ NOSSO FUTURO”

FOTOS: ACERVO PESSOAL



so”, elogia. “Tenho orgulho de tê-lo no quadro do nosso Centro. O professor Ismar Carvalho é realmente motivo de alegria para todos nós”.

O PRÊMIO

O professor Ismar Carvalho conta que já estava em expedição na Bolívia quando o jornal O Globo entrou em contato para informar sobre a premiação. “Achei que era um trote. Fiquei absolutamente surpreso”, recorda-se. “O estudo que eles destacaram não é o meu principal objeto de estudo, mas a novidade, seja ela qual for, é o que me move. Cada



O conhecimento te dá essa possibilidade de trazer novamente à luz a vida que estava escondida há milhões de anos. Tem tudo a ver com aquela frase do quadro que meu pai me deu lá na infância”

vez que encontro um fóssil é como se eu o trouxesse à vida de novo”, conta. “O conhecimento te dá essa possibilidade de trazer novamente à luz a vida que estava escondida há milhões de anos. Tem tudo a ver com aquela frase do quadro que meu pai me deu lá na infância”.

A pesquisa do docente, destacada pelos organizadores da premiação, indica o Brasil como último refúgio dos grandes mamíferos que habitaram o planeta na Era do Gelo. São exemplos a preguiça gigante e o mastodonte. As investigações revelaram fósseis com 3.500 anos, quando o consenso científico apontava que eles teriam sido extintos em massa há aproximadamente 12 mil anos. A descoberta muda a forma de olhar para o passado e pode repercutir em pesquisas aplicadas, por exemplo, nas áreas de geologia, petróleo e gás.

O docente reconhece, no entanto, que os outros finalistas que concorrem na categoria Ciência e Saúde também têm importantes méritos. Além do professor Ismar Carvalho, são finalistas o professor associado de Medicina em Harvard e diretor de Transplante Renal no Massachusetts General Hospital, Leonardo Riella; e professora



PAIXÕES Além do trabalho de campo, ao qual o paleontólogo se dedica com prazer, o fascínio pelo futebol faz parte do dia a dia de Ismar, que nutre especial carinho pelo Sousa (camisa acima), da Paraíba

ambientais que levaram a grandes eventos de extinção. Quando você lê os estratos geológicos, você tem um retrato instantâneo mas só daquilo que ficou registrado. No entanto, o que mais existe é a falta do registro”, argumenta.

Atrás dessas lacunas, o professor descobriu fósseis no Brasil – Ceará e Mato Grosso do Sul – que não coincidiam com o consenso científico que os grandes mamíferos (também chamados de megafauna) foram extintos em massa na transição da era do Pleistoceno para o Holoceno. Em vez de fósseis com 12 mil anos ou mais, o professor encontrou exemplares com 3.500 anos. O artigo foi publicado em 15 de fevereiro deste ano no Journal of South American Earth Sciences. “O estudo quebra um paradigma e não há coisa melhor para um cientista do que romper paradigmas”, destaca.

“Percebemos que um depósito fossilífero podia acumular fósseis de várias épocas, como se fosse uma armadilha do tempo. O que nosso estudo faz é abrir essa caixa do tempo”, exemplifica o professor. “Nós temos uma lenda indígena na região amazônica de um bicho chamado Mapinguari. Em Alagoas, o bicho mitológico se chama Zamba. A descrição deles é idêntica e muito semelhante a uma preguiça-gigante. Ou seja, são animais que existiram até recentemente, que viveram próximos de nossos antepassados”. Em nenhum outro local do mundo foram encontrados fósseis da megafauna tão jovens.

Os achados mudam a forma de olhar para o passado e para as mudanças de era do planeta. “Desfizemos a noção de que tudo desapareceu ao mesmo tempo. A extinção não é uma linha reta. Essas linhas do tempo transgridem essa leitura parcial que a humanidade faz da própria natureza”, analisa o professor. “O trabalho abre uma perspectiva de natureza teórica, mas também de natureza prática sobre as divisões do tempo geológico. Comprovamos que essa fauna se manteve até 3.500 anos, que sua extinção se deu progressivamente”, afirma.

“Hoje vivemos outro momento de grandes transformações do planeta. Será que serão acompanhadas de grandes eventos de extinção em massa? Ou será que haverá uma mudança progressiva, como observamos nesse trabalho?”, questiona. “Acho que a pesquisa nos ajuda a entender melhor como será nosso futuro e a compreender aonde poderemos chegar”.

A íntegra do artigo pode ser conferida em: <https://is.gd/KSWdGt>.

Assinam o trabalho, além do professor **Ismar Carvalho**, os pesquisadores **Fábio Henrique Cortes Faria**, **Hermínio Ismael de Araújo-Júnior**, **Celso Lira Ximenes** e **Edna Maria Facincani**.

Eleição do Andes mobiliza categoria docente pelo país

> Quatro chapas estão na disputa, sendo três de oposição que tentam romper a hegemonia de duas décadas do atual grupo que comanda o sindicato nacional. Nova direção terá dois anos de mandato

SILVANA SÁ
silvana@adufRJ.org.br

Docentes de todo o país têm um compromisso na próxima semana: as eleições do Andes. O pleito será realizado nos dias 7 e 8 de maio. Cerca de 17 mil professores são eleitores. Na UFRJ, os professores sindicalizados à AdUFRJ até 7 de fevereiro poderão votar numa das chapas que concorrem à eleição.

Três das quatro chapas que disputam a diretoria do Andes são de oposição ao grupo que domina o sindicato nacional há mais de duas décadas.

Os professores aposentados receberão em casa o programa das chapas. A Chapa 1 – Andes pela Base: Diversidade e Lutas é o grupo da situação, que dirige o Sindicato Nacional. A Chapa 2 – Renova Andes, se opõe à diretoria nacional, mas é resultado de um racha. A cisão deu origem também à Chapa 4 – Oposição para Renovar o Andes.

Já a Chapa 3 – Andes-SN Classista e de Luta reúne três grupos minoritários de oposição à direção nacional. Parte de seus apoiadores e candidatos compunha a diretoria do Andes entre 2012 e 2014. Veja os locais de votação.

ELEIÇÃO DO
ANDES - DIAS
7 E 8 DE MAIO.
URNAS SERÃO
ESPALHADAS
PELOS CAMPI.

VEJA A
LOCALIZAÇÃO
NAS REDES DA
ADUFRJ.
PARTICIPE!
TODOS OS
PROFESSORES
FILIADOS À ADUFRJ
PODEM VOTAR.



ELEIÇÕES ANDES - BIÊNIO 2025-2027 LOCAIS E HORÁRIOS DE VOTAÇÃO

SEÇÃO ELEITORAL				HORÁRIOS	
Nº	NOME	UNIDADES	LOCAL	07/05	08/05
1	Praia Vermelha 1	Escola de Comunicação (ECO)	Hall de entrada do IE	09h-18h	09h-18h
		Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC)			
		Instituto de Economia (IE)			
2	Praia Vermelha 2	Faculdade de Educação (FE)	Portaria da Escola de Serviço Social	9h-21h30	9h-21h30
		Escola de Serviço Social (ESS)			
		Instituto de Neurologia			
		Instituto de Psicologia (IP)			
		Instituto de Psiquiatria (IPUB)			
NEPP-DH					
3	IFCS	Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS)	Pátio Interno	10h-13h	10h-13h
		Instituto de História (IH)		17h30-20h	17h30-20h
		Escola de Música (EM)			
4	FND	Faculdade de Direito (FND)	Sala dos Professores (1º andar)	9h-12h	9h-12h
5	Anna Nery	Observatório do Valongo (OV)	Entrada do Pavilhão de Aula	17h-20h30	17h-20h30
		Escola de Enfermagem Anna Nery		11h-16h	11h-16h
6	HUCCF	Escola de Educação Infantil (EEI)	Hall Elevadores do Subsolo do HUCCF	07h-14h	07h-14h
		Faculdade de Medicina (FM)			
		Faculdade de Odontologia (FO)			
		Instituto de Doenças do Torax (IDT)			
		Instituto de Ginecologia (IG)			
		Instituto de Puericultura e Pediatria			
		Martagão Gesteira (IPPMG)			
Maternidade Escola (ME)					
7	IESC	Instituto de Estudos de Saúde Coletiva (IESC)	Entrada do IESC	11h-13h	11h-13h
8	CCS	Faculdade de Farmácia (FF)	Bloco H	09h-15h	09h-15h
		Instituto de Biologia (IB)			
		Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF)			
		Instituto de Bioquímica Médica (IBqM)			
		Instituto de Ciências Biomédicas (ICB)			
		Instituto de Microbiologia Professor Paulo de Goes (IMPPG)			
		Instituto de Nutricao Josué de Castro (INJC)			
		Instituto de Pesquisas de Produtos Naturais Walter Mors (IPPN)			
Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES)					
9	EEFD	Escola de Educação Física e Desportos (EEFD)	Entrada do Prédio da EEFD	09h-21h	09h-21h
10	LETRAS	Faculdade de Letras (FL)	Entrada da FL	10h-18h	10h-18h30
11	ANTIGA REITORIA	Escola de Belas Artes (EBA)	Hall dos elevadores	09h-15h	09h-15h
		Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU)			
		Instituto Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR)			
		Instituto Pos-graduação e Pesquisa em Administração (COPPEAD)			
12	CT	Instituto de Matemática (IM)	Bloco D	09h-17h30	09h-17h30
		Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (COPPE)			
		Escola Politécnica (POLI)			
		Escola de Química (EQ)			
		Núcleo Interdisciplinar de Desenvolvimento Social			
		Instituto de Computação (IC)			
		Instituto de Física (IF)			
		Instituto de Química (IQ)			
		Instituto de Macromoléculas Professora Eloisa Mano (IMA)			
13	CCMN	Instituto de Geociências (IGEO)	Hall Bloco A - Térreo	10h-16h	10h-16h
14	CAp	Colégio de Aplicação (CAp)	Pátio Escolar	08h30-16h	08h30-16h
15	Macaé 1	Centro Multidisciplinar UFRJ - Macaé (CM UFRJ- Macaé)	Corredor Principal do Bloco B	10h-18h	10h-18h
16	Macaé 2	Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (Nupem)	Hall do Auditório	10h30-13h30	10h30-13h30
17	Caxias	Campus UFRJ Duque de Caxias	Bloco C	11h-14h	11h-14h
18	Museu Nacional	Museu Nacional (MN)	Hall da Biblioteca Central Horto Botânico	10h-17h	10h-17h

AdUFRJ



DE LUTA PEL@S PROFESSOR@S DA UFRJ

DO FUNDÃO PARA HARVARD

PROFESSOR DA UFRJ GANHA PRÊMIO PARA DESENVOLVER PESQUISA SOBRE SAPOS, EM COOPERAÇÃO COM PESQUISADORES DA MAIOR E MAIS ANTIGA UNIVERSIDADE NORTE-AMERICANA

RENAN FERNANDES
comunica@adufRJ.org.br

Em tempos difíceis para os cientistas na América, um pesquisador brasileiro ganhou motivos para sorrir. No início de abril, o professor José Garcia Abreu, do Instituto de Ciências Biomédicas da UFRJ, em missão científica na Harvard Medical School, teve um projeto de pesquisa contemplado com um prêmio oferecido pela Fundação Lemann em parceria com a instituição de Cambridge. O financiamento busca estimular a interação entre pesquisadores e subsidiar trabalhos científicos que tratam de desafios atuais no Brasil.

O projeto “Ciência avançada, divulgação e educação: explorando a biodiversidade brasileira via sequenciamento de células únicas” planeja difundir no Brasil a tecnologia de célula única, bioinformática e aprendizado de máquina desenvolvida sob a coordenação do docente. O trabalho será realizado no laboratório do departamento de Biologia de Sistemas de Harvard para caracterizar espécies de anfíbios nativas.

O investimento na casa dos 200 mil dólares permitirá a compra de insumos, a montagem de equipamento no Brasil e o treinamento de pessoal. “Queremos apresentar a pesquisadores brasileiros essa ferramenta para que eles possam entender o poder que ela tem”, disse o pesquisador.

O Jornal da AdUFRJ conversou com o professor Abreu sobre sua relação com Harvard e a importância do prêmio para o desenvolvimento da pesquisa.

■ Jornal da Adufrj - Como é sua relação com a Universidade de Harvard?

● José Garcia Abreu - Em 2023, pesquisadores do Departamento de Biologia de Sistemas da Harvard Medical School me pediram a indicação de um pós-doutor para trabalhar com o anfíbio *Xenopus*, uma rã de origem africana, que é um dos principais modelos de estudo no campo da Embriologia.

“Pode ser eu?”, respondi em tom de brincadeira. Estava em um momento indeciso quanto a minha carreira no Brasil, entrando na fase final do meu tempo na UFRJ — são mais de 30 anos de serviço prestados à universidade —, saindo dos anos de pandemia em que fui diretor do ICB, período que trouxe sequelas para quem atuou como gestor, afastando-se do trabalho de pesquisa. Eu estava para baixo, vendo muitos alunos desistindo da pós-graduação e da pesquisa.

Primeiro me responderam que não, porque Harvard tem uma série de regras para trazer professores seniores, é um processo demorado e precisavam de alguém imediatamente. Uma semana depois, me contataram novamente dizendo que, se realmente quisesse ir, poderiam me oferecer uma vaga de professor visitante, porque era a pessoa ideal para o trabalho.

Quando cheguei, fiquei muito entusiasmado em produzir um livro e poder arredondar minha carreira pensando nas contribuições que vou deixar, no meu legado.

■ Que trabalho é esse?

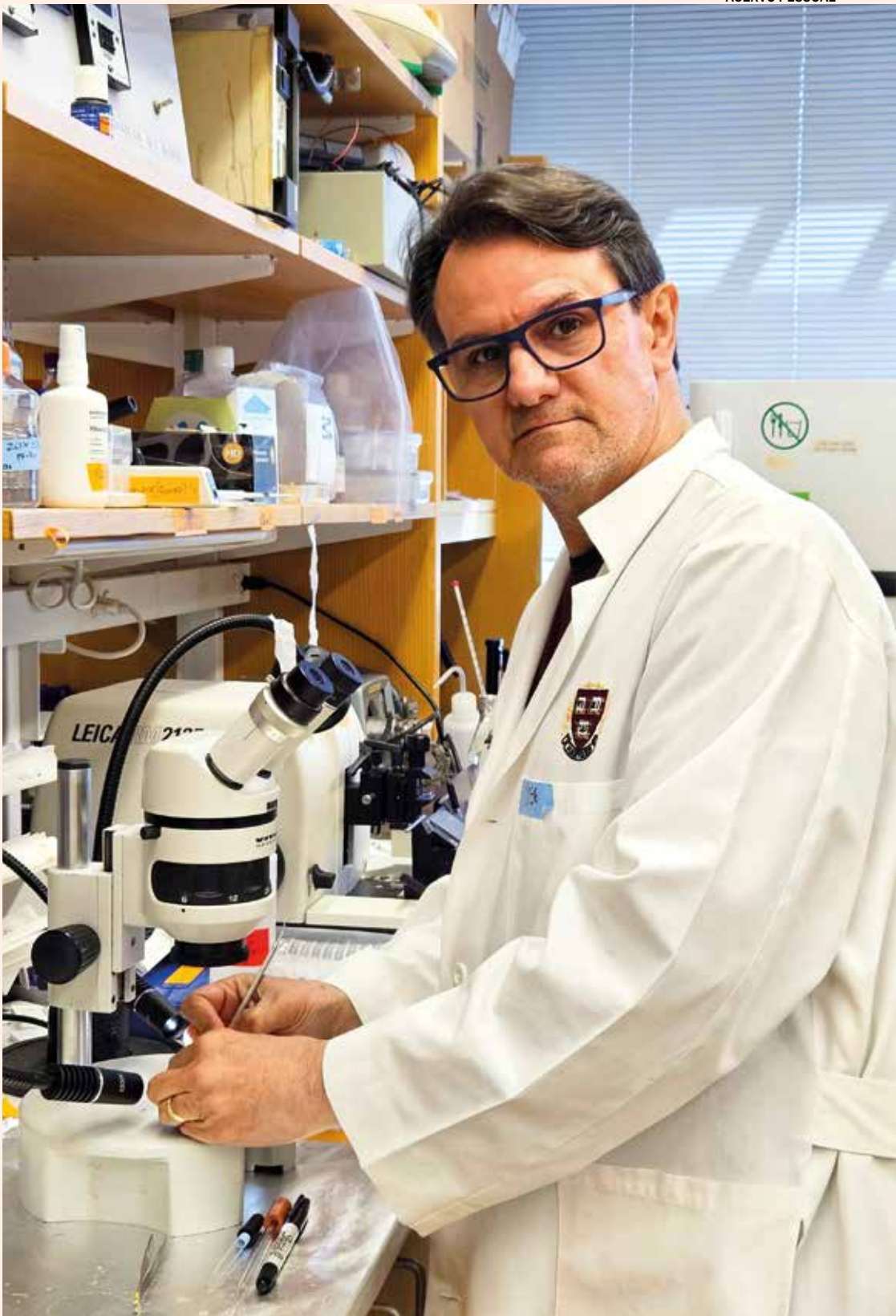
● A ideia é criar uma fonte material de acesso à comunidade científica sobre todo o desenvolvimento embrionário de um anfíbio específico, o *Xenopus laevis*.



Todos no corredor me param para dar os parabéns. Os colegas ficaram felizes que alguém conseguiu algum sucesso nesse momento tão duro que estamos vivendo”

É um atlas de célula única que descreve todos os estágios de desenvolvimento até etapas da vida adulta. O que a gente quer é mostrar computacionalmente e nos embriões íntegros quantas células são necessárias para formar as estruturas que geram os tecidos e os órgãos do embrião e, depois no adulto, quantas células existem em cada órgão. Quantas células ele tem no fígado, no coração, no osso, na pele, no cérebro.

Queremos ainda mostrar os genes que compõem cada uma das células das estruturas do embrião. Quais genes são expressos numa célula de músculo ou numa célula do sistema nervoso quando elas são vizinhas, em que momento esse gene aparece e como ele pode ser visualizado dentro de uma célula em uma determinada etapa do desenvolvi-



ACERVO PESSOAL

mento. Estamos combinando diferentes ferramentas para individualizar, capturar e sequenciar células utilizando microscopia de alta resolução, aprendizado de máquina e bioinformática. Esse trabalho dedicado à Embriologia tem desdobramentos, pode ser aplicado à pesquisa sobre o câncer, por exemplo. Aqui no laboratório, temos uma forte pesquisa combinando o desenvolvimento embrionário ao envelhecimento.

■ Como surgiu a possibilidade de ganhar esse prêmio?

● O projeto que recebeu o prêmio é um pequeno apêndice dentro desse enorme projeto que está sendo desenvolvido aqui. Esse financiamento é oferecido aos professores de Harvard para que eles encontrem docentes no Brasil com interesses em comum. Quando cheguei aqui, me apresentaram essa possibilidade de aplicar um projeto para concorrer ao prêmio. Para ganhar, temos que consolidar bem uma ideia original e mostrar que ela é vantajosa para Harvard e para o Brasil. A ideia é caracterizar algumas espécies brasileiras de anfíbios. Não é apenas para desenvolver uma tecnologia de Biologia Quantitativa e Embriologia, mas também

difundir a importância desses animais. Mais de 90% das espécies de anfíbios do planeta estão no Brasil. Por enquanto, o que temos é um plano. Espero que possamos organizar em breve um workshop no Brasil para apresentar e difundir essa ferramenta aos pesquisadores locais. Trazer pessoas que trabalham na fronteira entre a biologia do desenvolvimento, biólogos, zoologistas e ecologistas.

■ O que significa conquistar esse financiamento em um momento de cortes?

● Todos no corredor me param para dar os parabéns. Os colegas ficaram felizes que alguém conseguiu algum sucesso nesse momento tão duro que estamos vivendo. O fomento à pesquisa nos Estados Unidos atravessa um momento de dificuldades, como o Brasil atravessou durante o governo passado e na pandemia. Então, ao mesmo tempo em que estamos felizes no laboratório por ganhar esse projeto, tentamos entender o que vai acontecer à medida que os recursos se tornam escassos numa das maiores referências de ensino e pesquisa do mundo.